

A Prostituição de Ontem e Hoje **7**

Maria Lúcia Biem Neuber¹

INTRODUÇÃO

A prostituição é a mais antiga das profissões. Ela remonta a era a.C.. Foi, e é, palco das mais empolgantes estórias de amor. Relembra desde os amores famosos de um não longínquo “Casa Nova”, até as mais tristes cenas de um submundo hodierno.

O presente trabalho de pesquisa histórica foi desenvolvido na cidade de Bauru, Estado de S. Paulo, cuja população atual é de 300.000 habitantes. No entanto, à época dos fatos aqui relatados, tal urbe era uma pequena cidade interiorana e, como tal, desprovida de qualquer recurso.

Exatamente nessa cidade surgiu uma das mais famosas casas de prostituição. Na década de sessenta a então famosa revista “REALIDADE” (nº4), em reportagem extraordinária sobre prostíbulos, enaltece e eleva a “CASA DA ENY” como a maior da América Latina. De fato, foi um baluarte, tal e qual a consagrada revista divulgou: “UMA FORTALEZA CHAMADA ENY”.

1. Psicóloga Clínica
Recebido em 19.09.94

PROSTITUIÇÃO EM BAURU

A Zona do Meretrício (1940-1970)

Por volta de 1940, no centro da cidade de Bauru (na antiga Rua Costa Ribeiro atualmente Rua Presidente Kennedy), quatro quarteirões de casas, bares, restaurantes e cabarés destinavam-se à lascívia da noite.

As estatísticas da época informam um número de aproximadamente 400 prostitutas registradas naquela época, cujo nível cultural variava amplamente.

Nos cabarés eram apresentados espetáculos com a presença de vários artistas famosos.

Os homens, em sua maioria, iniciavam-se sexualmente com as prostitutas. Quando elas tomavam conhecimento de serem eles inexperientes, ou seja, “iniciantes”, mudavam completamente o seu *modus operandi*, adotando um comportamento até material.

O advogado criminalista TIBÚRCIO DE MATTOS, atualmente com cerca de 76 anos de idade, em entrevista publicada no dia 4 de abril de 1993 no “Jornal da Cidade”, complementada por informações pessoais, relatou que em meados de 1965 a população pedia uma providência imediata às autoridades, pois a zona do meretrício, que ficava no centro da cidade, deveria ser transferida, para a periferia.

TIBÚRCIO, atendeu ao pedido do então Juiz de Direito ANTONIO DE MACEDO CAMPOS (posteriormente Desembargador de Justiça) hoje falecido e juntos se empenharam em resolver a questão. Partiram então para um passeio, com a finalidade de encontrar um local que pudesse abrigar as prostitutas.

Após várias pesquisas chegaram a um matagal distante do centro, local acordado para ser o ideal da instalação da “Zona”, tendo em vista se situar fora da cidade e não incomodar a população, segundo Tibúrcio.

TIBÚRCIO procurou o proprietário do local, o senhor Bazilio Ferreira e tentou convencê-lo a fazer a doação das terras. Diante da negativa, o advogado comprou a gleba para que lá se mudasse a “Zona”. Tal gleba, num total de 130.000 m², custou cerca de 550 contos de réis (expressão própria), pagos em prestações mensais. A área foi então loteada e trinta casas foram construídas com restos de outras construções, levantadas pela equipe do pedreiro JESUS SABINO, vulgo “Zuza”. Os imóveis foram vendidos às prostitutas e alguns terrenos foram doados. As prestações das casas eram de 2.000 réis (expressão própria), sendo que poucas foram aquelas que conseguiram cumprir o contrato de compra. Segundo o próprio causídico, teve ele muito prejuízo, pois não executou nenhuma daquelas inadimplentes.

Decorrido um ano após a compra de gleba, e 1966, foi efetivada a mudança da Zona do Meretrício para a zona de confinamento (hoje Jardim das Orquídeas). Este local em desprovido de água e luz e, comumente, as mulheres eram obrigadas a fazer fogueiras para iluminar as frentes das residências.

Relembra ainda o citado Tibúrcio que as casas mais famosas, por possuírem prostitutas mais selecionadas e com melhores condições de cultura eram “LOLILA”, “BAIANINHA”, “JUREMA”, cujas “meninas” sempre eram obrigadas a passar por exames ginecológicos, mesmo porque eram todas cadastradas no setor competente.

O local foi palco de muitas brigas e vários crimes mas, entre as mulheres, haviam aquelas dignas, que lá estavam por questões outras, diversas da vadiagem ou mesmo pilantragem. Se discórdia houvesse entre elas era em decorrência da traição dos “gigolôs”, pois tal era, para as mesmas, um ato imperdoável. Por seu turno, o referido local parecia uma cidade metropolitana, cheia de luminárias e alto som. Era só alegria.

A então Avenida Oeste, localizada no Jardim das Orquídeas, era bem distante do centro da cidade de Bauru. Para tanto, os pretendentes a visitá-la, se agrupavam para dividirem as despesas decorrentes da locação do táxi.

As prostitutas eram bem produzidas, ou seja, vestiam-se bem, maquiavam-se e, em regra geral, eram bem educadas.

Por volta da década de 1970, as casas de prostituição, à exceção da “CASA DA ENY”, mais famosas foram: “Verão Vermelho”, “Tania Drinks”, “Casa da Toni”, “Primavera”, “Mansão da Sara” e a “Boite Rivo”. Havia muita cerveja e não se cogitavam em drogas, pois, à época, a principal preocupação era a famigerada blenorragia (“gonorréia”), doença venérea que era curada a base de penicilina.

Nos fins de semana, o fluxo de freqüentadores girava em torno de 1.000 a 1.500 pessoas. Estas se diversificavam entre as da classe média e das classes inferiores. A alta classe, denominada “A”, em sua maioria freqüentavam a lendária “CASA DA ENY”, sobre a qual discorreremos a seguir.

A Casa da “ENY”

EMMY CESARINO, a proprietária da famosa e lendária “CASA DA ENY”, com a tenra idade de 20 anos deixou a sua família na capital do Estado de S. Paulo, dirigindo-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde iniciou suas atividades nos cassinos existentes, Adquirindo algum numerário regressou a seu Estado, domiciliando-se na cidade de Bauru (SP) em 1940, quando então foi inquilina da “Pensão Imperial”. Mudou o seu prenome para ENY, passando a gerenciar a referida pensão. Posteriormente abriu

sua primeira casa noturna, localizada na Rua Rio Branco nº 550, no centro da cidade.

Naquela época, segundo manifestação da própria, em entrevista fornecida a um periódico da cidade, “os pais e familiares eram mais puritanos, não existia tanta liberdade, o que favorecia o progresso dos prostíbulos”.

Muito embora acomodada no centro da cidade, por pressão da sociedade e a solicitação do então magistrado MACEDO DE CAMPOS, já aludido anteriormente, foi “convidada” a transferir seu estabelecimento para um lugar mais afastado, ou seja, confinado. A esta altura, em oposição às demais proprietárias de casas de prostituição que se transferiram para o Jardim das Orquídeas, optou pela instalação de sua “casa” no trevo da rodovia Bauru-Ipauçu, ou seja, a antiga estrada Bauru-Agudos, local que ficou sobejamente conhecido como “TREVO ENY”.

Segundo ENY relatou em várias reportagens, em poucos anos conseguiu tudo aquilo que almejava. Possuiu uma casa muito bonita, organizada, com boas “suítes” (72 apartamentos), jardins, restaurantes (2) que funcionavam diariamente e se vangloriava de ter a maior piscina particular da cidade. Além disso, seu nome foi projetado por todo o continente, sendo seu prostíbulo considerado o maior da América Latina, quicá do mundo, comparável apenas a um semelhante, em Hong Kong.

Rememorando sua vida, Eny relata que vivenciou mais alegrias que tristezas. Como fato notório e marcante relembra sua iniciação na prostituição. Recorda-se da época que tinha uma amiga de “serviço” que deslumbrava por sua beleza, ressaltando-se por seu corpo esguio e belo, e que num determinado dia se apaixonou. Como não foi correspondida, ateou fogo em si própria, enrolada em um cobertor. Para Eny este foi um fato impressionante. Aliás, naqueles tempos era comum entre elas o suicídio por amor.

Deste nefasto acontecimento, o que restou de sua amiga foi uma linda criança, cuja criação a própria Ely assumiu até que tivesse 27 anos de idade. Infelizmente, seu filho “adotivo” faleceu, vítima de câncer. Foi, em sua vida, uma das mais tristes perdas. Ela mesma nunca teve filhos, jamais chegou ao casamento. Teve sim um grande amor (Maurício) que durou 20 anos e terminou infelizmente, com a morte trágica do amado na Via Dutra. Contava Eny, nessa época, com 50 anos. Desde então ela começou a definir.

Eny tinha posição contrária ao abortamento e orientava sempre suas “sobrinhas” ou “afilhadas”, como eram chamadas as moças que trabalhavam em sua casa. Se acontecesse uma gravidez era ela quem cuidava de tudo. Orientava a mãe, que ficava sob sua guarda e permanecia no mesmo local, ajudando em outras tarefas. Preocupava-se com o recém-nascido e o acomodava. Afinal, sempre os considerou como seus “netos”. Criou, sem exagero, mais de 70 crianças. Destas, algumas ficaram até famosas, sem ao menos saber dos favores recebidos.

A caridade sempre foi seu lema. Seu sucesso, porém, deveu-se a discrição absoluta com que envolvia seus convidados. De fato, incontáveis homens de posição e poder aquisitivo passaram por sua casa. Não conseguiu ela acumular riquezas principalmente pelo fato de sustentar sua família, bem numerosa, e mais aquelas pessoas que dela necessitavam (cerca de 100).

Fora do tema em pauta ou seja a prostituição, Eny era conhecida como uma grande amiga e anfitriã. Realmente, em sua casa reuniam-se vários políticos da época, tanto para preparar campanhas como para comemorar vitórias. Vários homens freqüentavam sua casa para um “bate papo” simplório com suas sobrinhas, sem qualquer objetivo sexual. Gostavam de sua personalidade e até a exigiam como conselheira.

Anos se passaram. O progresso, indubitavelmente, exerceu sua influência. Finalmente, em 1983, a Casa da Eny não sobreviveu ao mundo moderno, onde a rotatividade sexual deixou de ser exclusividade das prostitutas. O surgimento e proliferação dos motéis influenciaram o destino dos prostíbulos. Ela, doente, vendeu o seu imenso prostíbulo ao médico psiquiatra Fauzer Banuth, que alimentava na época a idéia de aproveitar o local para a construção de um hospital psiquiátrico.

A famosa Emmy Cesarino, conhecida como ENY, faleceu aos 70 anos de idade, no dia 24 de agosto de 1987, às 1:30 hs., no hospital da Beneficência Portuguesa de Bauru, vítima de parada cardíaca. Morreu, diga-se, afastada de todos os requintes que a cercaram durante muitos, muitos anos. Sua vida, durante todo o tempo de suas atividades, foi alvo de notícia nos mais consagrados veículos de comunicação, tais como Realidade, Manchete, Isto É, Veja, Folha da Tarde, Nova, etc.

Por fim, e cumpre salientar que a estória de ENY deve ser perpetuada. Só não foi ela mais famosa porque, embora procurada por muitos escritores, negou-se a dar informações ou declarações sobre particulares, que poderiam prejudicá-los. Preferiu, como sempre quis e disse, levá-las para o sepulcro. Realmente levou-os.

Escultura e preconceito

De conformidade com o artigo publicado pelo conceituado “JORNAL DA CIDADE”, o artista plástico LARANJEIRA, em 1983, depois de fazer um levantamento histórico das manifestações que tiveram repercussão internacional e que caracterizaram a cultura de uma época da cidade, fez uma escultura intitulada “EM HOMENAGEM À MADAME ENY”, por considerá-la um dos vultos mais famosos de Bauru.

LARANJEIRA, em seu trabalho artístico, feito em estrutura de ferro e *papel machê*, retratou um corpo feminino. Essa obra foi feita para participar da “MOSTRA COLETIVA DE ARTES PLÁSTICAS DE BAURU”, organizada pela Delegacia Regional de Cultura, em 1983. O artista relata que sua obra sofreu diversas críticas, algumas das quais positivas. No entanto, a grande maioria reagiu negativamente ao trabalho, amparando-se em falsos padrões morais e influenciando, inclusive, a exposição pública da escultura, que foi proibida de ser exposta no SENAC e na CASA DA CULTURA.

Continuando, o referido artista LARANJEIRA nos conta que uma das alegações sem fundamento da censura à exposição da escultura foi a de que ela estaria “suja”. Hoje, a referida obra se encontra exposta no “TEMPLO BAR”, sito à rua Benjamin Constant, para quem quiser ver e admirar.

A prostituição atual

A zona do meretrício, em Bauru, apaga as suas luzes na década de 90.

A concorrência do amadorismo sobre o profissionalismo, a liberdade sexual e tantos outros fatores contribuíram para a falência das casas de prostituição.

As poucas remanescentes, se é que existem, são de nível inferior àquelas de outras décadas.

Atualmente, a prostituição decai a nível pueril. Assim, Bauru, não fica muito atrás da realidade Amazônica. O relato pessoal do jornalista GILBERTO DIMENSTEIN, em sua incursão no mundo da prostituição na Região Norte, fez todo mundo refletir sobre a condição sub-humana em que vivem as meninas, morando em cativério e sendo traficadas para se prostituírem, conforme relata em sua obra “Meninas da Noite”, lançada em 1992. O aludido autor revelou que muitas meninas de classe média acabam vendendo seu próprio corpo para comprar uma calça de marca. No percurso, perdem-se nas drogas e nas doenças e entram para o sub-mundo, geralmente num caminho sem volta.

Na mais famosa avenida de Bauru, a “Nações Unidas”, meninas de até 12 anos de idade estão fazendo “programa”, ou seja, uma forma de prostituição. Chegam a fazer, segundo informações, até seis “programas” diários. O motel preferido, segundo elas, por não exigir documentos, é um bem conhecido.

Também na não menos famosa Avenida Rodrigues Alves verifica-se outra forma de prostituição, e dos chamados “travestis”. Estes, até mais perigosos do que as prostitutas, estão se constituindo em uma realidade cada vez mais presente na vida da cidade. Este fato deve ser salientado,

para que a sociedade se cuide, tendo em vista a promiscuidade evidente e, além do mais, o risco da transmissão da “Aids”.

CONCLUSÃO

Houve uma mudança radical da realidade brasileira na década de 40 até os dias de hoje. Atualmente, observa-se um quadro obscuro e preocupante.

Necessário se faz a instituição de programas coerentes de educação sexual, tanto a nível de orientação como de informação, para que possamos ter, futuramente, uma sociedade mais responsável e sexualmente melhor estruturada.

A prostituição é um problema complexo, que está condicionada a vários fatores que a tornam inestirpável da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DIMENSTEIN, G. *Meninas da noite*. Editora Ática, SP., 1992.
2. ESTEVES, M. A. *Meninas perdidas*. Paz e Terra, Oficina de História, 1989.
3. Artigos: *Jornal da Cidade de Bauru*, Revista Realidade n° 4, Revista Veja, Revista nova, n° 113.
4. Entrevistas.

AGRADECIMENTOS

Aos advogados criminalistas, doutores TIBÚRCIO DE MATTOS e MANOEL CUNHA CARVALHO FILHO.

À editora-chefe do *Jornal da Cidade de Bauru*, MARIA ANTÔNIA DARIO.